

ÍNDICE

EDITORIAL	5
PRÉMIOS PASC DE CIDADANIA	6

FILOSOFIA DA HISTÓRIA PORTUGUESA

A FILOSOFIA DA HISTÓRIA NO KRAUSISMO PORTUGUÊS: RODRIGUES DE BRITO, CUNHA SEIXAS E SILVA CORDEIRO António Braz Teixeira	8
A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO DE RODRIGUES DE BRITO A. Paulo Dias Oliveira	15
SÍLVIO LIMA, CRÍTICO DA FILOSOFIA DA HISTÓRIA Carlos Leone	24
OS TRILHOS DA HISTÓRIA À LUZ DA MOVÊNCIA FILOSÓFICA DE ANTÓNIO QUADROS César Tomé	26
OLIVEIRA MARTINS: O COMPROMISSO DA “VIDA NOVA” Guilherme d’Oliveira Martins	35
A CONCEPÇÃO BRUNINA DA HISTÓRIA Joaquim Domingues	42
INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE LIMA DE FREITAS (DO SIMBOLISMO AO SACRISMO) José Carlos Pereira	48
ANTÓNIO SÉRGIO: HISTORIOLOGIA, HISTORIOSOFIA E HISTORIOPEDIA José Esteves Pereira	52
FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM TEÓFILO BRAGA José Luís Brandão da Luz	57
MÂNTICA E PRESENTIFICAÇÃO: VIVÊNCIAS IMERSIVAS DA HISTÓRIA EM TEIXEIRA DE PASCOAES Luísa Borges	67
ELEMENTOS DA LEITURA FIDELINIANA DA HISTÓRIA Mário Carneiro	71
EDUARDO LOURENÇO: O DEBATE COM <i>ORPHEU</i> E A PRESENÇA E A CRÍTICA AO MARXISMO Miguel Real	76
O TERCEIRO FACTOR: FRANCISCANISMO, FIORISMO E MARTINISMO NA LITERATURA DE JAIME CORTESÃO Pedro Martins	86
ENTRE AMORIM DE CARVALHO E AGOSTINHO DA SILVA: DO “FIM HISTÓRICO” AO “RENASCIMENTO” DE PORTUGAL, 50 ANOS APÓS A REVOLUÇÃO DE 1974 Renato Epifânio	98
DALILA PEREIRA DA COSTA E A RAZÃO MÍTICA NA HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE PORTUGUESA Samuel Dimas	103

SOPHIA, 20 ANOS DEPOIS

O BRANCO, O SOL, O AZUL E A CAL EM SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN Luis de Barreiros Tavares	114
SOPHIA DE MELLO BREYNER: UMA ORAÇÃO NO TEMP(LO) Maria Luisa Francisco	118
DA LUZ SEM SOMBRA À SOMBRA DA LUZ: ENTRE A GRÉCIA E A IBÉRIA, ENTRE SOPHIA DE MELLO BREYNER, TEIXEIRA DE PASCOAES E JOSÉ MARINHO Renato Epifânio	119
COM SOPHIA DE MELLO BREYNER: NAS PALAVRAS QUE INVOCAM O SILENCIO SAGRADO DA VIDA Samuel Dimas	121

OUTROS VULTOS

ALBANO MARTINS Jorge Vicente Valentim	128
ALMADA NEGREIROS Annabela Rita	136
AMORIM DE CARVALHO Júlio Amorim de Carvalho	145
DANIEL PIRES António Aresta	153
FERNANDO PESSOA Alexandra Barreiros	161
HENRIQUE LEVY Eter Manuel Carlos	162
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO Emanuel Oliveira Medeiros	165
ORLANDO VITORINO João Luís Ferreira	168
RUY CINATTI António Braz Teixeira	177

OUTROS VOOS

PORTUGAL NUM <i>CAPRICCIO</i> 9 SÉCULOS DEPOIS <i>Annabela Rita</i>	186
CERVANTES E SHAKESPEARE:	
A LITERATURA-MUNDO NA CULTURA PORTUGUESA <i>António José Borges</i>	189
AINDA SOBRE O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO SECUNDÁRIO EM PORTUGAL <i>Artur Manso</i>	192
LINGUAGEM, PENSAMENTO E DIDÁTICA: SINAIAS DA FALA E DO SILÊNCIO <i>Emanuel Oliveira Medeiros</i>	197
DOS <i>TO KREWN</i> , <i>ADKA E DIKÉ</i> OU DA MOTRICIDADE DA JUSTIÇA E INJUSTIÇA	
SEGUNDO A LEI NATURAL QUE GOVERNA O DECURSO DOS FENÓMENOS NO TEMPO	
SEGUNDO A NECESSIDADE <i>Joaquim Pinto</i>	201
DESAFIOS ÉTICOS DE NOSSA TRADIÇÃO LUSO-BRASILEIRA <i>José Maurício de Carvalho</i>	204
A PAIXÃO DO FILOSOFAR <i>Luís Furtado</i>	208
POE-BÉCQUER: COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO E NEUTRALIDADE AXIOLÓGICA <i>Luís G. Soto</i>	209
<i>ESPIRAL</i> OU O CÍRCULO QUE SE NÃO FECHA: A PROPÓSITO DA DESCOBERTA	
DE UM ESCRITO INÉDITO DE ANTÓNIO QUADROS <i>Pedro Martins</i>	215
DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS <i>Renato Epifânio</i>	220
AUTOBIOGRAFIA 15 <i>Samuel Dimas</i>	224

EXTRAVOO

PRÉMIOS TABULA RASA: FESTIVAL LITERÁRIO DE FÁTIMA	
Maria Luísa Francisco, António José Borges, Luís Lóia, Annabela Rita e António Braz Teixeira	238

PERIÓDICOS ETERNOS

TRADUÇÃO DO CORREIO DE LONDRES & MAPA POLÍTICO <i>Pedro Vistas</i>	250
--	-----

BIBLÍÁGUO

PORTUGAL, RAZÃO E MISTÉRIO <i>Joaquim Domingues</i>	254
A FILOSOFIA DA SAUDADE <i>Renato Epifânio</i>	256
VISÕES DE AGOSTINHO DA SILVA: DE PORTUGAL À LUSOFONIA <i>Miguel Real</i>	257
AUTOBIOGRAFIA DE JESUS <i>Risoleta C. Pinto Pedro</i>	258
FRANCISCO MACHADO DE FARIA E MAIA, ROBERTO DE MESQUITA E O SEU TEMPO <i>Berta Pimentel</i>	266
O PRINCÍPIO DO MUNDO <i>Jorge Chichorro Rodrigues</i>	267
LENDAS E CONTOS POPULARES TRANSMONTANOS <i>Ernesto Rodrigues</i>	270
OPERAÇÃO MILITAR ESPECIAL <i>Carlos Leone</i>	273
TUDO O QUE SOBE DEVE CONVERGIR <i>António José Borges</i>	275

POEMÁGUO

PÚBLIO CLÁUDIO PULCRO; ALI IBNE IÚCUFE;	
O OUTRO INFANTE; O OUTRO SANCHO <i>Jesus Carlos</i>	126
TRÍADE <i>Maria Luísa Francisco</i>	127
DA SAUDADE QUE TAMBÉM SE ACENDE <i>José Valle de Figueiredo</i>	184
ODE AO STATUS QUO <i>Jáime Otelo</i>	184
DECREPITUDE <i>Maria José Leal</i>	185
ELOGIO DE GASTÃO CRUZ <i>Manoel Tavares Rodrigues-Leal</i>	236
NA PARTIDA DA SENHORA BEATRIZ <i>Paulo Jorge Brito e Abreu</i>	237
BOLINA; HÁ FORMAS <i>António José Borges</i>	248
A MORTE <i>Samuel Dimas</i>	249
À LUZ PASSAGEIRA DO DIA; OUTONO <i>João Franco</i>	276
ENCONTRO <i>Fernando de Moraes Gebra</i>	277

MORADAS: CADERNO POÉTICO E VISUAL

Poemas de <i>Joel Henriques</i> ; Ilustrações de <i>Henrique</i> e <i>António Nahak Borges</i>	278
--	-----

MEMORIÁGUO (p. 284), MAPIÁGUO (p. 285), ASSINATURAS (p. 286), COLECÇÃO NOVA ÁGUIA (p. 289)

EDITORIAL

N o trigésimo quinto número da Revista *Nova Águia*, o destaque maior vai para a secção sobre “Filosofia da História Portuguesa”, que colige uma dezena e meio de ensaios, apresentados, em primeira mão, num Colóquio que decorreu em Junho do passado ano, na Biblioteca Nacional de Portugal, por iniciativa do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. Nesta secção, encontramos assim reconstituídas algumas das mais relevantes visões – quer retrospectivas, quer prospectivas – da nossa história comum. Falamos, nomeadamente, das visões de Rodrigues de Brito, Cunha Seixas, Silva Cordeiro, Sílvio Lima, António Quadros, Oliveira Martins, Sampaio Bruno, Lima de Freitas, António Sérgio, Teófilo Braga, Teixeira de Pascoaes, Fidelino de Figueiredo, Eduardo Lourenço, Jaime Cortesão, Amorim de Carvalho, Agostinho da Silva e Dalila Pereira da Costa.

De seguida, destacamos uma dezena de “Outros Vultos” da nossa comum Cultura Lusófona – desde logo, Sophia de Mello Breyner Andresen, ainda por ocasião dos vinte anos do seu falecimento –, bem como, por ordem alfabética: Albano Martins, Almada Negreiros, Amorim de Carvalho, Daniel Pires, Fernando Pessoa, Henrique Levy, Manuel Ferreira Patrício, Orlando Vitorino e Ruy Cinatti, por António Braz Teixeira lapidamente caracterizado como “poeta-peregrino do mundo lusófono tropical”. Depois, como sempre acontece, temos uma série – de mais de uma dezena – de “Outros Voos”, de temática mais diversa, e, em “Extravoo”, publicamos as justificações da quarta Entrega dos Prémios *Tabula Rasa*: Festivais Literários de Fátima

– organizados, desde 2015, pela *Nova Águia* e pelo MIL (Movimento Internacional Lusófono), que decorreu igualmente em Junho do passado ano –, nas diversas categorias: Literatura Infanto-Juvenil, Poesia, Ficção, Filosofia e Prémio Vida e Obra, entregue a José Carlos Seabra Pereira, por todo um conjunto valiosíssimo de livros, donde se destaca a sua “grande e pioneira síntese” sobre *As literaturas em língua portuguesa, das origens aos nossos dias*.

Dando de novo a palavra a António Braz Teixeira: “José Carlos Seabra Pereira, nesta sua obra, dumamente monumental, pela sua extensão e pela amplitude do seu âmbito espaço-temporal, trata de um universo de autores nunca antes considerados como constituindo um conjunto unificado pela língua portuguesa, do mesmo passo que torna patente o fecundo diálogo travado, ao longo do tempo, entre as literaturas lusófonas nos cinco continentes.”. Numa época em que tanto se contesta o próprio conceito de Lusofonia, eis, por todas essas razões, uma obra que merece, da nossa parte, o maior reconhecimento.

A Direcção da *Nova Águia*

Post Scriptum: Dedicamos este número da *Nova Águia* a Vasco Rocha Vieira, Sócio Honorário do MIL e último Governador Português de Macau, que nos deixou a 22 de Janeiro – no próximo número, evocá-lo-emos pela voz de Jorge Rangel, Presidente do Instituto Internacional de Macau.

A FILOSOFIA DA HISTÓRIA NO KRAUSISMO PORTUGUÊS: RODRIGUES DE BRITO, CUNHA SEIXAS E SILVA CORDEIRO

António Braz Teixeira

I. INTRODUÇÃO

O conhecimento dos ecos da filosofia de Krause na cultura portuguesa e, por via dela, no Brasil, ampliou-se, de modo muito expressivo, nas últimas décadas, revelando que, se não foram tão amplos como em Espanha, contudo, não quedaram limitados ao ensino da filosofia jurídica e ao âmbito restrito da Universidade de Coimbra, havendo encontrado muito mais ampla difusão¹.

No plano da interpretação filosófica da História, o nosso krausismo achou expressão na, infelizmente, incompleta, *Filosofia da História do Cristianismo* (1873), de Joaquim Maria Rodrigues de Brito (1822-1873), de cujos projectados três volumes apenas o primeiro chegou a ser concluído e impresso², nos *Princípios gerais de Filosofia da História* (1878), do seu discípulo Cunha Seixas³, e, quatro anos depois, nos *Ensaios de Filosofia da História* (1882), de Joaquim António Silva Cordeiro (1859-1915).

II. RODRIGUES DE BRITO

I. O entendimento da proposta de compreensão filosófica da História do Cristianismo incompletamente formulada pelo mais metafísico dos nossos pensadores de livre inspiração krausista e aquele cuja reflexão filosófica maior amplitude apresenta, requer que se comece por atender ao modo como Rodrigues de Brito pensava a religião e, de forma particular, o cristianismo.

O ponto de partida da consideração filosófica da religião por parte do pensador conimbricense era a ideia de que a aspiração para Deus constituía algo permanente no homem, em todos os tempos e lugares, de que povo algum existiu desprovido de religião, pelo que a noção de *divindade* se lhe apresentava como sendo o pensamento primordial de todas as civilizações e a “determinação do ideal da vida humana e da religião do homem com Deus” sempre havia derivado da concepção religiosa de que se nutriam as instituições sociais. A esta ideia aparecia associada a de que, em todos os povos da Antiguidade, tinham existido crenças messiânicas que exprimiam as esperanças na transfiguração do homem segundo o espírito e a verdade, pois a apropriação da verdade por meio do conhecimento e da ciência era capaz de conduzir o homem a Deus e de lhe restituir a *uni-dade* e a *harmonia* da sua consciência e elevá-lo, como *pessoa*, à sua máxima dignidade.

Para libertar o homem da absorção no seio da Natureza, que o paganismo representava, era necessário que, para além das lutas e das divisões entre as raças, os povos e os indivíduos, a religião pagã, enquanto *religião da natureza*, fosse substituída pela *religião dos espíritos*, de modo a que o homem, afirmando-se, na sua consciência, como espírito, tivesse a possibilidade de se aproximar da perfeição absoluta que é Deus (pp. 27-36).

¹ Cfr. *O Krausismo ibérico e latino-americano*, Lisboa, MIL, 2019.

² Os vinte e dois cadernos que deviam constituir o primeiro volume da obra de Rodrigues de Brito terão entrado no prelo oito meses antes do falecimento do seu autor e chegado a ser impressos, não tendo, porém, vindo, então, a ser tornados públicos. O respectivo texto foi, depois, publicado em sucessivos números da revista conimbricense *O Instituto*, entre 1887 e 1891. Apesar disso, foram, durante mais de um século, consideradas desaparecidas, havendo, finalmente, sido o objecto de uma edição, em volume, em 2004, pela INCM, com prefácio do signatário, à qual se referem as notas deste texto.

³ Editados, em Lisboa, pela Tipografia da Casa Progresso, acham-se, hoje, incluídos no volume de J. M. Cunha Seixas, *Princípios gerais de Filosofia e outras obras filosóficas*, editado pela INCM, Lisboa, 1995, com prefácio de Eduardo Abranches de Soveral, edição a que se referem as notas do presente texto.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE LIMA DE FREITAS (DO SIMBOLISMO AO SACRISMO)

José Carlos Pereira

No âmbito de uma possível compreensão da História como Arte, e em presciente nota citada por António Quadros¹, Oliveira Martins diz-nos que “a história narra e pinta; a filosofia define e explica: e como ambas consideram as coisas, total e não particularmente, nenhuma delas pode ser considerada ciência”. Ora, a apresentação e a introdução crítica à filosofia da história de Lima de Freitas implica, desde logo, uma prudência redobrada face às relações entre a filosofia e o mito, o símbolo e o arquétipo, o sinal e o emblema, e as leis mais ou menos esotéricas e exotéricas do universo que poderão definir os arcanos, ou princípios, que regem a existência humana, e que na arte, segundo Lima de Freitas, se re-apresentam e recriam de modo eloquente e mais ou menos constante na ciclicidade temporal. Por conhecimento esotérico entende o autor o conhecimento que exige iniciação dada a sua dimensão oculta que se torna necessário revelar; já o conhecimento exotérico integra o conhecimento entendido por todas as pessoas que conhecem e dominam os referentes simbólicos, como no caso de um retábulo de igreja, como refere².

É conhecida a reflexão de Paul Ricoeur sobre a pensatividade que decorre do símbolo e do mito, de que se torna veículo privilegiado, desde Platão (filósofo céptico em relação ao símbolo e ao mito, embora a eles tenha recorrido na sua cosmologia) a Kant, a Hegel e aos filósofos do Iluminismo alemão, sem descurar

necessariamente os artistas e poetas românticos. Se “o símbolo dá que pensar”, formulação kantiana apropriada hermeneuticamente por Ricoeur, esta pensatividade pressupõe, na indissociável obra reflexiva e plástica de Lima de Freitas, uma *simpatia* para com o símbolo, isto é, uma compreensão instruída e viva do que é posto pelo símbolo, a saber, a “presença da transcendência”³, o que implica uma percepção globalizante da realidade, só possível através de uma experiência estética de “restituição”, e não de uma proposta estética de “revolução”, como aconteceu com a maioria das vanguardas do modernismo, segundo o especulativo pintor⁴; neste âmbito, a crítica à “estética revolucionária” aproxima Lima de Freitas de Aarão de Lacerda e de António Quadros. A proposta de uma “estética de restituição”, na qual, através da obra de arte (plástica, poética, escultórica ou arquitectónica), é devolvido ao mito aquilo que originariamente lhe pertence, exorbita a “desmitologização” requerida pelo pensamento *crítico* em relação ao *logos* do mito, assim como rejeita, em larga medida, a própria releitura do mito por via da configuração da linguagem e da sua refiguração através da interpretação.

A intuição que Lima de Freitas tem quanto ao papel determinante do mito no desenrolar e na configuração da história⁵ vai levá-lo à demanda de uma nova metodologia, de modo a poder justificar *cientificamente* o seu sentido (cientificamente, não na acepção de uma razão

¹ António Quadros, *A Teoria da História em Portugal. O Conceito de História*, vol I, Lisboa, Espiral, s./d., p. 45.

² Lima de Freitas, “O Esoterismo na Arte Portuguesa” in Mantero, Inês (ed.), *Portugal Misterioso*, Lisboa, Seleções do Reader's Digest, 1998, p. 177.

³ Gilbert Durand, *A Imaginação Simbólica*, Lisboa, Edições 70, p. 30.

⁴ Lima de Freitas, *Um caminho secreto: ensaios Inéditos*, Lisboa, Hugin Editores, 2005, pp. 28-29.

⁵ Lima de Freitas, *Porto do Graal. A riqueza ocultada da tradição mítico-espiritual portuguesa*. Lisboa, Ésquilo, 2006, p. 31.

[MS] – Braga, Teófilo, *Miragens Seculares*, Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1884.

[SS] – Braga, Teófilo, *Sistema de Sociologia*, Lisboa: Tipografia Castro Irmão, 1884.

[TG] – Braga, Teófilo, *Traços Gerais da Filosofia Positiva Comprovados pelas Descobertas Científicas Modernas*, Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1877.

[VT1] – Braga, Teófilo, *Visão dos Tempos*, 1.ª ed., Porto: Casa da Viúva Moré Editora, 1864.

[VT2] – Braga, Teófilo, *Visão dos Tempos*, 2.ª ed., Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1869.

Brandão da Luz, José Luís, “Teófilo Braga e a renovação da filosofia positivista”, em *Os Açores na Filosofia e nas Ciências – Estudos I*, Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições, 2018, pp. 23-49.

Brandão da Luz, José Luís, “Teófilo Braga e a celebração das grandes individualidades da História”, em *Os Açores na Filosofia e nas Ciências – Estudos I*, pp. 89-96.

Brandão da Luz, José Luís, “O federalismo no ideal da República em Teófilo Braga e Manuel de Arriaga”, em *Os Açores na Filosofia e nas Ciências – Estudos I*, pp. 161-181.

Brandão da Luz, José Luís, “Teófilo Braga e a religião”, em *Os Açores na Filosofia e na Cultura – Estudos II*, pp. 129-148.

Figueiredo, Fidelino de, “O positivismo aplicado à crítica – o sr. Teófilo Braga”, em *A Crítica Literária em Portugal (Da Renascença à Atualidade)*, Lisboa: Depositários Cernades, 1910.

Prado Coelho, António do, “Teófilo Braga e a História da Literatura Portuguesa”, em *Ensaios Críticos*, Paris e Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1919.

MÂNTICA E PRESENTIFICAÇÃO: VIVÊNCIAS IMERSIVAS DA HISTÓRIA EM TEIXEIRA DE PASCOAES

Luísa Borges

Teremos como ponto de partida destas breves considerações acerca da filosofia da história em Teixeira de Pascoaes o mote seguinte, extraído da biografia, ficcionada, *Napoleão*¹: “Somos moralmente um absurdo”, obra publicada pelo mestre amarantino em 1940.

Podemos situar a obra de Pascoaes nessa paradoxal encruzilhada para onde confluem rios, tão aparentemente diversos, como romantismo e realismo, simbolismo e modernismo, neo-realismo e surrealismo, pelas margens que medeiam a cultura ocidental europeia entre os séculos XIX e XX, ponto turbulento de confluência que é, também, ponto de partida finissecular para o que virá a ser o pós modernismo a que o poeta já não assistiu. Porto nevrálgico da nossa contemporaneidade a que, não obstante, a sua obra, não só aportou, como foi ponto de partida que a sua obra ajudou a abrir. Como se a dimensão e a complexidade da sua obra estivesse na directa proporção da sua alegada dificuldade de

interpretação, álibi reiterado para a sua intencional ausência dos programas educativos, de pendor mais popular ou massificante e menos elitista, evocativos e festivos de uma história da literatura e da filosofia portuguesas ou mesmo de uma teologia dita cristã.

A concepção da filosofia da história, em Pascoaes, percorre os mesmos caminhos temáticos achados nos filósofos e poetas do Romantismo Alemão, como Friedrich Schlegel, Schleirmacher ou Hölderlin e Novalis ou Schelling e Hegel, onde a par da realização de uma filosofia da história corre a imperiosa urgência da realização de uma filosofia da religião que se opera através da sistemática revisitação da mitologia judaico-cristã, mas também da mitologia dita pagã. Poderíamos falar aqui de uma concepção dialéctica da história, não obstante diversa de uma concepção hegeliana, onde, porventura, o protagonismo inicial do paganismo antigo greco-romano e oriental, dá forma a uma ideia de Deus que corresponderá a uma progressiva evolução linear da revelação de uma verdade como Espírito Absoluto que se haveria de cumprir no cristianismo protestante,

¹ Teixeira de Pascoaes, *Napoleão*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1989, p. 16.



DALILA PEREIRA DA COSTA E A RAZÃO MÍTICA NA HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE PORTUGUESA

Samuel Dimas

INTRODUÇÃO: PARA UMA EXPLICITAÇÃO METAFÍSICA DA EXPERIÊNCIA INTUITIVA DE DEUS

De acordo com Dalila Pereira da Costa, com quem dialogamos neste estudo sobre a filosofia da história da espiritualidade mística portuguesa, ao momento da experiência implícita do divino deve seguir-se um estádio discursivo para tornar explícita essa vivência intuitiva e atemática das verdades eternas, aprofundando-as até ao seu limite. Mas adverte que na nossa cultura quase sempre se fica pelo conhecimento imediato intuitivo e afetivo da “Realidade última” não se desenvolvendo uma reflexão metafísica sobre o mesmo¹. Esse primeiro momento de ordem mística, nas formas contemplativas de êxtase, corresponderia à experiência fugaz e prefiguradora, na vida terrena, da condição intemporal de união com Deus a viver na condição futura de *post-mortem* (*ibid.*, p. 165). A razão unívoca e lógica é insuficiente para comunicar essa experiência, sendo necessário o contributo do discurso analógico e metafórico daquilo que a autora chama de uma “mística especulativa” (*ibid.*, p. 88).

Reconhece Dalila Pereira da Costa que na cultura lusíada a contraposição entre intuição afetiva e especulação racional é predominante ao longo da sua história, pelo que a experiência mística de união beatífica com o Ser supremo sempre foi traduzida como doutrina de salvação e não como um conhecimento especulativo de carácter metafísico (*ibid.*, p. 51). Doutrina salvífica, quer pela mediação da revelação de Cristo através de formas cultuais e sacramentais, quer pela mediação das criaturas em canto de louvor

e obras de caridade: “Uma mística que será da Pessoa ou das criaturas, atualizando-se pela caridade, missão ou canto, poético ou místico” (*ibid.*, p. 56).

O centro desta espiritualidade consistia na anulação da vontade pessoal e na realização da vontade divina através da história, tal como se expressa no herói santo D. Nuno Álvares Pereira que se reconhece na terra como instrumento de Deus: da contemplação sobrenatural num êxtase vivido fora do tempo e do espaço emerge a sua força para combater os invasores (*ibid.*, p. 63). Mais que conhecer o Ser como Absoluto, a mística portuguesa pretende conhecer o Ser que salva e identificar-se com Ele em graça, sem grandes preocupações teológicas ou metafísicas. Predominou uma mística voluntarista e afetiva de contemplação da palavra revelada que se traduzia em pregação e caridade no sentido de anulação do eu pessoal para uma identificação com o eu transcendente e divino de Cristo: “Através dos místicos portugueses, ou poetas místicos, não se notará uma ontologia organizada, nem uma metafísica, partindo de uma experiência pessoal, tal como surge superiormente no Ocidente na escola renana em Eckhart, ou no Oriente em Çankara” (*ibid.*, p. 54).

Será que a autora irá seguir uma via alternativa, que possa conciliar o conhecimento intuitivo e imediato da experiência mística salvífica voluntarista, de carácter experimental e emocional, com o conhecimento sistematizador e conceitual da filosofia e da teologia presente na mística especulativa de horizonte metafísico? (*ibid.*, p. 90). Que interpretação filosófico-teológica faz das diferentes manifestações da vivência mística da nossa história? Dalila identifica na cultura portuguesa uma filosofia metafísica da história,

¹ *Místicos Portugueses do século XVI* (Porto: Lello & Irmão Editores, 1986), p. 88.